

TRAJETÓRIAS DE VIDAS E ENVELHECIMENTO DE TRAVESTIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Silvio Rodrigo Alves Ferreira

Mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará (RIS-ESP-CE), Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Idade e Família da Universidade Federal do Ceará (NEGIF/UFC), rodrigoalvess@live.com;

Nonacilda Feitoza Moreira

Mestranda em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Idade e Família da Universidade Federal do Ceará (NEGIF/UFC), nonacilda@gmail.com;

Emanuel Freitas da Silva

Doutor em Sociologia (UFC), mestre (UFRN) e bacharel (UECE) em Ciências Sociais, licenciando em História (UECE), professor assistente de Teoria Política (UECE/FACEDI). Contato: emanuel.freitas@uece.br

Resumo

A presente comunicação tem o objetivo de apresentar uma revisão de literatura acerca de vidas de travestis, tomando como referência suas trajetórias de vida. A presença de travestis na vida social brasileira tem se intensificado nos últimos anos, seja por conta dos processos políticos de reconhecimento de suas experiências identitárias, seja por conta da representatividade alcançada pela sua existência. A proposta aqui adotada, como compreensão desta existência, leva em consideração a média de vida dessa população no Brasil que é de 35 anos, ou seja, menos da metade da média nacional que é de 75 anos. Assim sendo, o corpo de análise dessa comunicação é a revisão de produção acadêmica a partir dos anos 2010 a 2020, nas bases de dados da

Revista Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidade (UFRN). Acionando as categorias de trajetórias de vida, sexualidade, travestilidades, transexualidade. Pretendeu-se compreender como a existência de travestis estão representadas nos estudos dessa revista no período supramencionado.

Palavras-chave: Travesti. Envelhecimento. Gênero. Trajetória de vida.

Introdução

Considerando o aumento da perspectiva de vida, o envelhecimento é um segmento que vem ganhando atenção em várias pesquisas no mundo, diante da heterogeneidade da velhice. Visualizando esse cenário, percebemos que a velhice e o envelhecimento perpassam por várias dimensões: sociais, biológicas e psicológicas. Nesse sentido, o envelhecimento da população apresenta-se como uma forma de revolução silenciosa, que trouxe grandes mudanças em todo o mundo. Muitos países desenvolvidos, emergentes ou em desenvolvimento estão passando pelo processo de envelhecimento da população. Em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial sem precedentes.

Segundo a Organização das Nações Unidas - ONU, a população em 1950, com perfil de mais de 60 anos correspondia a 8,1% da população mundial, em 2010, passou a representar 11% de toda a população e, em 2050, este número deverá corresponder a 21,9% de toda a população. A população velha está crescendo bastante, não apenas em sua totalidade, mas também em seus espaços mais avançados, estão ocupando novos espaços na sociedade. Em 2002, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE estimava que as pessoas com mais de 100 anos deveriam aumentar 15 vezes entre 1999 e 2050, passando de 145 mil para 2,2 milhões.

Em dezembro de 2020, a Assembleia Nacional da ONU declarou o período de 2021 a 2030, como Década do Envelhecimento Saudável¹. Não há dúvidas da valorosa iniciativa, visto que a saúde é essencial para melhorar o processo de viver a velhice de forma plena. No entanto, de quais idosos a ONU se refere? As travestis estão a margem de inúmeras políticas públicas e é preciso descer em camadas até o problema, pois envelhecer não é um processo natural que se aplica a todos de forma igualitária. Primeiramente, tem que ser outorgado às travestis o direito de envelhecer, já que muitas são assassinadas prematuramente. Segundo o processo de envelhecer de uma travesti perpassa por especificidades diferentes de um velho/a cis.

1 Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/14-12-2020-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Conforme a publicação de 2016 do IBGE, o Brasil tem vivenciado a tendência do envelhecimento demográfico, em decorrência do aumento do percentual dos idosos/as na população brasileira e a diminuição dos demais grupos etários. Ainda segundo a publicação, a partir do ano de 2010, o indicador da proporção de idosos (as) no país começou a se aproximar dos dados projetados em países desenvolvidos. Estima-se que no ano de 2070, a dimensão da população idosa brasileira – acima de 35% – apresente-se como superior ao indicador dos países desenvolvidos.

De acordo com o Portal do Envelhecimento e Longevidade, os idosos são as principais vítimas fatais da pandemia de Covid-19². Com isso, o Brasil deve apresentar, a primeira redução da esperança de vida ao nascer em mais de um século. O valor exato será divulgado assim que saírem os dados definitivos de 2020.

Segundo Lebrão (2007), o fenômeno do envelhecimento da população mundial prosseguirá até o século XXI. Em 2050, segundo projeções da Organização das Nações Unidas (ONU), serão dois milhões de pessoas idosas em todo o mundo e a primeira vez na história que haverá mais pessoas maiores de 60 anos do que menores de 15 anos.

Diante desse cenário em que se percebe o envelhecimento como um fenômeno importante para ser compreendido, com a presença da pluralidade das velhices e dos grandes desafios trazidos por esse contexto, pensamos que seja de grande importância aprofundar as questões sobre o envelhecimento LGBT, principalmente sobre a vida de travestis velhas ou em processo de envelhecimento, na tentativa de desvelar o caminho em que o envelhecer é vivenciado por estas pessoas.

Conforme sinalizam Debert e Henning (2015), os primeiros estudos na área de gerontologia apontavam que os problemas enfrentados pelos idosos eram tão similares, que se minimizaram às já

2 No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declarou que a doença da covid-19 tinha se tornado uma pandemia. Naquele momento os registros mundiais indicavam 150 mil pessoas infectadas e 4,6 mil vidas perdidas para o SARS-CoV-2. Um ano depois os montantes globais estão na casa de 120 milhões de casos e 2,6 milhões de mortes. No Brasil já são mais de 11 milhões de casos e mais de 270 mil mortes. Nos primeiros 10 dias de março o Brasil teve mais de uma morte por minuto e se transformou no epicentro da pandemia global.

quase inexistentes diferenças, sem pautar importantes temáticas que levam em consideração, por exemplo, classe, gênero, religião, etnia e sexualidade.

Dessa forma, é importante pontuar como a sexualidade é encarada nesse processo de envelhecimento e que, segundo Debert e Brigeiro (2012), existe um novo momento em que os/as idosos/a estão inseridos, no qual tinham suas experiências e vivências eróticas constituídas como nulas, tal qual presente no “mito da velhice assexuada”. Na contemporaneidade, surgem novos discursos que alteram a visão de apagamento da sexualidade para uma perspectiva de envelhecimento que também considere e reconheça essa experiência como positiva, saudável e bem-sucedida.

Ao considerar que os primeiros escritos sobre gênero e sexualidade na velhice tiveram como cenário o envelhecimento homossexual, Henning (2017) ressalta que a visão estabelecida sobre “envelhecimento gay” estava imbuído de representações negativas nas décadas de 1960 e 1970, com uma imagem de solidão, perdas sociais, invisibilidade e preconceito. Imagem esta reproduzida e reafirmada no cinema, como destacado no filme: *The Boys in the Band*, lançado em 2020. O filme é baseado na peça de mesmo nome escrita por Mart Crowley, que chegou aos palcos em 1968. A obra cinematográfica conta a história de um grupo de amigos gays em Nova York, que se encontram para uma festa de aniversário de um deles. Neste evento é inserido um personagem heterossexual que irá desencadear uma série de questionamento sobre gestos e formas de ser do núcleo gay, mas além disso, a temática envelhecer será um dos suscitados pelos amigos e o problema em torno desse processo natural. A solidão nesse processo de envelhecimento dos personagens será retratada, bem como a forma de ser e estar nessa sociedade.

Diante do exposto, as publicações sobre gênero, sexualidade e velhice, inicialmente foram voltadas para a compreensão do processo do envelhecimento homossexual, e que somente nos anos 2000, de maneira muito tímida, surgiram algumas publicações que abordaram questões sobre o processo de envelhecimento de pessoas que se reconheciam como bissexuais, transgêneros, transexuais, intersexos, pessoas que se identificam como queer, entre outros sujeitos.

Com o grande aumento da população velha, faz-se necessário que as travestis também ganhem destaque, tendo sua justificativa pautada no cenário de um grupo populacional que historicamente

sofre exclusões sociais de saúde, emprego, renda, desde a sua transição e construção de identidade à qual se reconhece. É preciso se questionar que pouco sabemos sobre a vida destas.

Na tradicional visão que temos e construímos sobre orientação sexual, identidade de gênero e sexo, há uma tendência a classificar as pessoas em uma lógica binária, na qual costumamos dividi-las em masculino e feminino e em homem e mulher, sem levar em consideração os desejos, afetos, reconhecimentos, etc.

Conforme Maluf (2002), a experiência transgênero é um dos temas que tem possibilitado novas reflexões, partindo dos conceitos e da própria teoria nos estudos feministas e de gênero, isso porque – em suas diferentes formas de manifestação – ela tem revelado aspectos do gênero que durante muito tempo ficaram relegados ou à sua construção teórica ou à perspectiva comparativa com culturas outras.

De acordo com Pelúcio (2005), as travestis, em suas trajetórias vivenciam três etapas de transformação, tais como:

O primeiro estágio é conhecido com como “gayzinho”, é aquele momento que o indivíduo revela sua opção sexual, mas aqui ele não usa métodos de hormônios e não se veste com roupas femininas. Já o segundo período, é quando a pessoa se “monta”, começa a usar vestimentas femininas e todos os acessórios relacionados à mulher, maquiagem, cílios postiços, entre outros. A última fase da transformação é quando o indivíduo começar a utilizar os métodos de hormônios, e por cirurgias plásticas em busca de corpo perfeito, seios, quadril maiores, coxas e bunda.

De acordo com as trajetórias fomentas pela autora, percebe-se que as travestis vivenciam longas e difíceis fases de modificações, marcadas por dificuldades, pela rejeição familiar, pela ausência do (re)conhecimento da sua identidade de gênero, dos deslocamentos e agenciamentos de seus corpos.

Para Kulick (2008), a travesti é uma identidade brasileira, ela é própria de nossa identidade nacional, que em geral são pessoas que pertencem às nossas classes populares e que comungam de valores morais, éticos e estéticos sobre sexualidade e gênero que caracterizam a sociedade pós-escravista em que o binarismo e a dominação masculina são tão presentes.

Segundo Motta (1999), gênero e idade são categorias relevantes para as representações sobre as condições de ser uma pessoa velha, na qual tecem subjetividades, identidades e que se constroem trajetórias. Essa compreensão parte da existência da necessidade interseccional de entender esses dois fenômenos frente ao envelhecimento, com o objetivo de verificar a construção de diversos caminhos que levam a esse marcador. Nesse contexto, o autor Pocahy (2012), corrobora nessa discussão ao dizer que a idade é uma categoria política, histórica e contingente, assim como o gênero, que na ocasião não seria possível pensar nessas categorias isoladas. No mesmo instante em que gênero e sexualidade se tornam visíveis e possíveis nessa trama discursiva.

Nessa perspectiva, compreendendo que os conceitos de gênero e velhice são marcados pelo tempo, por meio de regulação, de proibição, de normas que os diferem, possibilita pensar na interseccionalidade.

Contudo, esta comunicação tem o objetivo de observar o que está sendo produzido sobre envelhecimento de travestis e como viver na sociedade contemporânea traduz suas trajetórias de vidas em meio ao envelhecer.

Metodologia

Esta pesquisa se trata de uma revisão de literatura de caráter descritivo-discursivo. Após a delimitação do objeto, iniciamos a coleta dos dados, sendo que o primeiro contato com estes se deu no plano teórico, a partir das leituras realizadas sobre a temática, dos diálogos estabelecidos com os/as autores/as apresentados. Para iniciar a aproximação do objeto que havíamos delimitado, buscamos uma maior aproximação do fenômeno estudado por meio de levantamento de informações através de pesquisas bibliográficas, que consistiu na primeira parte da pesquisa exploratória.

Segundo Diniz (1999, p.50), “[a] pesquisa exploratória [...] propõe uma busca e não uma verificação de informações. Seu objetivo é a descoberta de ideias que sejam úteis, críticas e norteadoras de novas atitudes em relação ao mundo”.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir no investigador a cobertura de uma gama

de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Dito isso, para a seleção dos artigos a partir de títulos e resumos, usou-se os seguintes critérios: 1. Artigos científicos publicados nos anos de 2010 a 2020; 2. artigos escritos em português e com a presença de autores brasileiros; 3. artigos relacionados à área das ciências humanas; 4. artigos que discutem a temática envelhecimento, travestilidade e trajetórias de vidas; 5. artigos que possuam texto completo e gratuito.

A busca e revisão bibliográfica sistemática teve início em 15 de fevereiro de 2021. Realizou-se a pesquisa na *Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, criada em 2007, tendo sua publicação semestral do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Utilizando a leitura dos títulos de todas os artigos que constam nas publicações da Revista Bagoas, publicados entre no interstício de 2010 a 2020, foram encontrados 5 (cinco) artigos para a leitura do resumo, dentre eles 3 (três) foram selecionados para a leitura na íntegra.

Resultados e discussão

Foram analisados 5 (cinco) resumos e selecionados 3 (três) artigos para a leitura completa. Abaixo estão descritos os três artigos e uma breve conceituação teórica sobre a temática abordada pelos estudos. Os artigos lidos e analisados estão na Tabela 1.

Tabela 1 – “Travestilidade, envelhecimento e trajetória de vida”

Ano	Autor	Título	Revista
2015	SIQUEIRA, M. S.	“Caminhando como senhoras: interações sociais e performatividade de gênero de travestis idosas na cidade do Rio de Janeiro”	Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades
2018	VARTABEDIAN, J	“Travestis brasileiras trabalhadoras do sexo, algumas notas além da heteronormatividade”	Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades
2018	IRA, K. F. S.	“Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco”	Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades

O artigo *“Caminhando como senhoras: interações sociais e performatividade de gênero de travestis idosas na cidade do Rio de Janeiro”*, abordou as experiências cotidianas e as construções de gênero de travestis residentes da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

O trabalho em questão proporciona aos leitores a possibilidade de compreensão sobre o envelhecimento de travestis, ancoradas pela categoria social estigmatizada de Goffman (1975), embasada pela pesquisa realizada por Kulick em Salvador, que apresenta o cotidiano de travestis trabalhadoras do sexo. Com isso, o texto nos comunica que as trajetórias de vida das travestis entrevistadas são acompanhadas pelo estigma desde muito cedo, pela quebra do modelo patriarcal e heteronormativo.

Partindo do entendimento em que a experiência travesti e/ou travestilidade se apresentam como aquelas que subvertem as normas de gênero hegemônicas, a pesquisa apoia-se na perspectiva de gênero, geração e corpo, sustentado nas contribuições da teoria da performatividade de Butler (2003), que desconstrói as noções de gênero e que designa o gênero como uma construção social.

Desse modo, a pesquisa propicia refletir sobre os deslocamentos e sociabilidades constituídas na interação social das travestis com a cidade no Rio de Janeiro, no qual demarcar os itinerários e percursos urbanos vivenciados por elas, apresentando de que forma elas conseguem se apropriar dos espaços da cidade e demarca os tipos de relações sociais que são experienciadas no cotidiano delas.

Com isso, os achados da pesquisa nos revela o deslocamento vivido por elas ao transitar pela cidade, na qual as interações sociais são marcadas por contínuas negociações, referentes ao aparecimento em espaços públicos, do convívio de travestis mais novas que “davam muita pinta”, pela performatividade de desenvolver manipulações das impressões, pelos os modos de comportamento, devido ao agenciamento utilizado para a garantia de manutenção de uma boa convivência com vizinhos, amigos e familiares. Dessa forma, as travestis desempenham uma “performace” de senhoras como forma de garantir interações e trânsitos “livres” pela cidade.

Ainda que a pesquisa revele a aproximação das travestis com os estereótipos femininos, o texto apresenta questões de outras vivências acionadas pela travestilidade em que surge na pesquisa, uma travesti que reivindica ainda uma construção do gênero masculino, como também como aparecem estratégias em que ambos mecanismos

de gênero aparecem tanto como estilos próprios de masculino, como de feminino.

Para a autora, as interlocutoras revelam que seus locais de trabalho e os bairros onde residem na condição de pedaços praticados, diante das suas caminhadas e percursos, que são orientadas pelo sentido de ser e estar na cidade. Assim sendo, os deslocamentos vividos pelas travestis evidenciam uma contração no processo de sociabilidade pública marcada pelo processo de envelhecimento, que são encontradas pela astúcias, táticas e saberes para se manterem femininas, atraentes e sexys.

A pesquisa intitulada *“Travestis brasileiras trabalhadoras do sexo, algumas notas além da heteronormatividade”*, apresenta como proposta a tentativa de aproximação interseccional para analisar os distintos significados que as participantes da pesquisa atribuem ao trabalho sexual e suas transições corporais, adotando a observação dos deslocamentos transnacionais vividos pelas interlocutoras.

O trabalho de campo proposto no artigo se deu em uma casa de moradoras de travestis que trabalhavam como profissionais do sexo e em um projeto da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. As travestis eram provenientes dos estratos populares da região Norte e Nordeste do país e no decorrer do texto a autora classifica como “primeira geração” as travestis com mais de 55 anos e faz um paralelo de trajetórias de vida das travestis mais jovens.

Desse modo, a autora propõe desfazer algumas ideias, na qual pontua a escassez de pesquisas sobre transexuais trabalhadoras e trabalhadores do sexo em agendas de pesquisa e políticas públicas. Diante da precariedade em que o trabalho de profissionais do sexo se apresenta, a pesquisa revela outras reflexões em que esse trabalho fortalece o empoderamento de travestis.

Ao se referir ao corpo, o texto apresenta falas sobre a permanência das modificações corporais e apresenta um conceito-metáfora de “necropolíticas queer” ao se referir aos corpos trans, na qual denota que alguns corpos são promovidos para viver, enquanto outros são deixados para morrer e descreve o contexto em que vivem as protagonistas da pesquisa, marcadas pela desigualdade social que se intensificam pelo cenário da produtividade neoliberal, que as excluem.

Diante das análises realizadas, a autora descreve que o trabalho sexual se apresenta como uma forma de ganhar dinheiro e ao mesmo tempo de empoderar-se ao reafirmarem suas identidades ao sentir-se

desejadas como “belas” travestis. A pesquisa demarca as trajetórias de vidas das travestis que residem no Rio de Janeiro, mostrando como o contexto de trabalhadoras travestis jovens é visualizada e revela as diferenças de vivências das interlocutoras da primeira geração, localizadas em outra conjuntura autora finaliza o texto dizendo que “a classe social, a raça ou o nível de educação vão determinar quem está de um lado ou do outro nesta divisão carnal e, simultaneamente, moral.

O artigo “*Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco*”, apresenta uma narrativa baseada no campo de acordo com o fundamento reflexivo do lugar “sertão”, que emite a forte discriminação baseada na construção de uma velhice que dialoga com a beleza, com a percepção de doença, dependência e declínio, que se transforma em um duplo preconceito.

O texto destaca as representações dos homens nordestinos que estão ligadas ao coronelismo, ao cangaceiro e ao jagunço, que partem dessa edificação histórica da formação dos sertões. Tomando por base, as análises das entrevistadas, traz à tona três categorias para exame: velhice, vivência da sexualidade e planos para o futuro.

No contexto do sertão pernambucano, a velhice é caracterizada como perdas sociais, com presença de mudanças nas relações familiares e o medo da solidão. A sexualidade é encarada como um desafio ao ser quebrado em decorrência da cristalização do homem nordestino que enuncia uma ofensa à família patriarcal, conseqüentemente o favorecimento do estigma e da discriminação acentuada.

Por fim, ao se pensar nos planos futuros, os/as interlocutoras apresentaram questões de saúde como um processo desafiador na velhice LGBT e o rompimento das relações familiares como forma de saída e quebra do ciclo de violências que perpassam a identidade de gênero e a orientação sexual.

De acordo com as informações encontradas e expostas nessa pesquisa, pode-se verificar a grande lacuna de estudos acadêmicos que revelem os modos de viver e ser de travestis, que pautem especificamente a transexualidade e o envelhecimento. Desta forma, os artigos que foram analisados nos permitiram observar que as trajetórias de vida de travestis são constituídas por marcadores sociais das diferenças e com isso nos instiga a desenvolver um novo olhar para as trajetórias de vida, sociabilidades e agenciamentos que perpassam às travestis.

Considerações finais

Mesmo com os avanços de direitos da população LGBT, o preconceito e a invisibilidade continuam sendo forte e atuam cotidianamente na vida das travestis. Situação que esse contexto também atravessa o processo de envelhecer, no qual, as travestis vivenciam uma dupla estigmatização – apesar de compreender que existe um processo de múltiplas vulnerabilidades – pelo fato de envelhecerem e por serem travestis.

O envelhecimento populacional é interpretado, neste século, como um fenômeno mundial, tendo em vista a elevação do número de velhos/as, de forma progressiva e rápida. E neste momento o mundo encara grandes provocações nas variações demográficas apresentadas e expostas em estudos sobre velhice e envelhecimento.

Nesse sentido, este ensaio de pesquisa teve o objetivo de organizar e materializar o campo de estudos sobre travestilidade e velhices. Deste modo, a construção do texto aqui proposto teve a intenção de apresentar os elementos iniciais que embasam a interseccionalidade sobre o envelhecimento e modos de vidas de travestis.

Contudo, é preciso reconhecer aqui que este procedimento investigativo não se expressa de forma acabada, apenas dispõe de análises e reflexões capazes de promover futuros e maiores debates a cerca desta temática.

Referências

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEBERT G, BRIGEIRO M. Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice, Rev Brasileira de Ciências Sociais. 2012.

DEBERT GG, HENNING CE. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas, Edições Sesc. 2015.

DINIZ, Tânia Maria Ramos Godói. O estudo de caso: suas implicações metodológicas na pesquisa em serviço social. MARTINELLI, Maria

Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HENNING, Carlos Eduardo. **Gerontologia LGBT**: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos idosos LGBT. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 283-323, jan.-abr. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. IBGE: **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2016. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas, Informação demográfica e socioeconômica, n.36, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. IPECE: **Projeções populacionais**: Análise comparativa do Ceará com o Brasil no período 2019 a 2060. ENFOQUE ECONÔMICO – Nº 209 – Julho/2019. Ceará, 2019.

IRA, K. F. S. DE. **Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 12, n. 18, 10 set. 2018.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEBRÃO, M.L. **O envelhecimento no Brasil**: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. Saúde coletiva, v.4, n.17, p.135-140,2007.

MALUF, Sônia Weidner. **Corporalidade e desejo**: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. In: Estudos Feministas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1º semestre 2002. Ano 10, pp. 143-152.

MOTTA, Alda B. da. As dimensões de gênero e classe social na análise no envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n.13, p.191-221, 1999.

PELÚCIO, Larissa. Toda Quebrada na Plástica - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. Curitiba _PR, v. 06, n. 01, p. 97-112, 2005. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/4509/3527>. Acesso em: 25/06/2020.

POCAHY, F. A.. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. Revista Estudo Feministas, 20 (2), 357-376, maio/ agosto, 2012.

SIQUEIRA, Monica S. Caminhando como senhoras: interações sociais e performatividade de gênero de travestis idosas na cidade do Rio de Janeiro. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 9, n. 13, p. 151-174, 2015.

VARTABEDIAN, J. Travestis brasileiras trabalhadoras do sexo algumas notas além da heteronormatividade¹. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 11, n. 17, 29 jan. 2018.